

MANIFESTO CONTRA A PRIVATIZAÇÃO DAS ASPAS OU UM BRASIL DECENTE

Ana Carolina de Oliveira Marques

[Presid. Assoc. Geógrafos Brasileiros (Goiania). Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino.
Professora PPGEO/Univ. Estadual de Goiás. Grupo "Espaço, Sujeito e Existências/IESA-UFG]

Dia desses, deitada em meu sofá quase pago, quis adiantar-me ao capitalismo: quais seriam as futuras mercadorias? Os bens comuns (água, minérios, ar, radiação solar etc.) não são novidade pra ninguém. Tampouco a capacidade criativa e o carisma. Muita gente competente – filósofas, psicanalistas, economistas, geógrafas, historiadoras, sociólogas – nos alerta há décadas acerca dos avanços do capitalismo no campo da subjetividade, dos desejos, das emoções e comportamentos.

Rolnik e Guattari (2006), por exemplo, investigaram as máquinas semióticas que produzem (em série) modos de amar, de trepar, de sofrer, de regozijar, de falar. Demorei meus pensamentos na literatura e, num desses devaneios, quando distanciei-me o máximo possível da prestação do sofá, imaginei: e se privatizassem as aspas? Isso mesmo: essas duas vírgulas suspensas que, como bedéis, denunciam a identidade falsa de uma palavra e, de reboque, a ironia do escritor. Elevadas a artigos de luxo, haveria um saudosismo popular das aspas? E mais: sobreviveriam os escritores moribundos sem as aspas?

O que se perderia em seus textos?

Levantei subitamente do sofá, liguei o computador e iniciei uma operação pente-fino nos meus arquivos. “Desenvolvimento”, “nação”, “justiça”, “Estado”, “gente”, “humano”, “igualdade”, “dignidade”, “escola”, “direito”, “emprego”, “trabalho”, “saúde”, “moradia”, “público”, “gratuito”, “democracia”, “liberdade”, “oportunidade”, “cidadão”, “cultura”, “qualidade”, “paz”, “segurança”, “diálogo” foram algumas das palavras contabilizadas.

Foi então que notei a dependência que desenvolvi, sobretudo depois de colunista do Multiplicadores de Visat, das aspas. Sempre em dupla, ou melhor, em quarteto, as virgulinhas suspensas fariam-me uma imensa falta. Suspeito que sua privatização levasse a minha escrita à ruína.

Como eu falaria de Brasil? Me ajudem: como falar de “DESENVOLVIMENTO” neste país, sem as companheiras aspas, quando o retrocesso é a marca fundante?

E de “TRABALHO”, diante da precarização avassaladora que o torna fonte primordial de adoecimento? E de “HUMANO”, quando a parte negra, pobre e favelada da população é exterminada como coisa? Posso falar, sem as aspas, em “DEMOCRACIA” quando vejo professores ameaçados por uma legião de patrulhadores ideológicos fascistas?

E de “OPORTUNIDADE” frente ao analfabetismo, esse bicho de [mais] de quatrocentos anos (MELLO, 1965), e ao desemprego que bate recordes? Desaparecerá dos meus textos, escritos em meio a um governo neoliberal, a palavra “PÚBLICO”? As aspas levarão consigo a palavra “PAZ”?

Retornei ao sofá resignada: definitivamente, sem as aspas, o Brasil estaria interdito nos meus textos, ao menos este Brasil desigual e perverso. Por isso, deixo aqui um clamor: escritores e escritoras de todo o Brasil, na demora de um país decente, uni-vos contra a privatização das aspas.

■ ■ ■

Referências: Canções para o fonema da alegria Thiago de Mello, 1965.

ROLNIK, Suely; GUATTARI, Félix. Micropolítica: cartografias do desejo. Buenos Aires: Tinta Limón, 2006.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.